



LINGUA INDIGENA

O nome—Ceará

(AOS DRS. THEODORO SAMPAIO E JOÃO MENDES
JUNIOR).

Faz tempos, demos á publicidade um resumo das diversas theorias, relativas ao vocabulo Ceará, e, para nos esclarecer, pedimos o concurso dos collaboradores do *Estado*, versados na materia.

Correspondendo ao nosso appello, o Dr. Theodoro Sampaio trouxe o valiosissimo contingente de sua vasta erudição, desfechando o seu artigo com as seguintes phrases :

«O nome *Cu-ará*, *Ci-ará*, ou *Cyará* não designa senão essa casta de papagaios, como muito bem opinou monsenhor Pizarro, sem todavia saber explical-o.

«Assim a terminação *ará* não tem ahí outro valor que não o de confirmar o significado do radical *Cu* ou *Ci*, evitando deste modo uma confusão muito natural na traducção do radical como naquella denominação se contém.

«*Ciara* e não *Ceará* significa ou designa simplesmente uma casta de papagaios e não—*canto da jandaia* como poeticamente se entende.»

Como se vê, o illustre engenheiro firmou-se persistentemente no radical do vocabulo, «sendo a graphia *Ciara*, pela tradição historica, a mais authentica.»

Accedendo tambem ao nosso convite, o Dr. João Mendes Junior apresentou-nos os dizeres abaixo:

«Procurei, entre as muitas notas avulsas dos estudos do Dr. João Mendes de Almeida alguma coisa sobre o nome *Ceará*; nada encontrei, mas tenho lembrança, posto que vaga, de ouvir d'elle qualquer referencia a isso. Se bem me recordo, elle affirmava que o indigena, no nome *Ceará*, já indicava as seccas periodicas e as molestias ou febres provenientes do calor, em certos tempos, naquella região.

Parece-me que a decomposição *Ce-araá* explica perfeitamente o nome, tanto mais quanto o cearense não pronuncia *Ciara*, nem *Cemará*, mas *Ceará*, com o primeiro e bem agudo.»

Em carta que, acompanhada dos artigos acima, dirigimos ao barão de Studart, um dos espiritos mais esclarecidos em assumptos da historia nacional, exprimimos o desejo de apurar a verdade, despertando a curiosidade doutros escriptores, sobretudo a do conego Ulysses Penafort, cuja theoria, ante os argumentos do Dr. Theodoro Sampaio, parece carecer de base mais firme.

Distinguindo-nos, como sempre, com a sua amizade de annos, o barão de Studart inseriu na *Revista Trimestral* do Instituto do Ceará (tomo XV, pag. 310, anno XV), os artigos publicados no *Estado de S. Paulo*, sem que apparecessem novos estudos sobre a significação do vocabulo citado.

Contradizendo-se os dois illustres articulistas, como se depreheende dos trechos acima transcriptos, somos levados a pensar que o erudito Dr. João Mendes Junior interpretou inadmissivelmente a palavra, fazendo-a exprimir

abstracções, acima talvez da intelligência dos primitivos brasileiros.

Assim é que todos os nomes indígenas de villas e cidades cearenses revelam que a denotação de quaesquer objectos, como lagos, rios, passaros, serras, dava origem ás denominações dos respectivos logares.

Será difficilimo (e, pelo desenvolvimento rudimentar da raça, julgamos quasi impossivel) haver uma denominação de quaesquer generalisações, como a que nos cita o illustre Dr. João Mendes: «se bem me recordo, elle (Dr. João Mendes de Almeida) affirmava que o indigena, no nome *Ceará*, já indicava as seccas periodicas e as molestias ou febres provenientes do calor, em certos tempos, naquella região.».

Com a devida venia, parece-nos que semelhante associação de idéas não podia ser abarcada pela capacidade intellectual dos aborigenes, tanto mais que não encontraremos, siquer numa cidade ou villa cearenses, distanciadas ou vizinhas, um vocabulo indigena que, possuindo uma significação identica ou approximada, fortifique a theoria apresentada pelo illustre articulista.

Todas as denominações dos logares se referem a objectos, expostos ao primeiro olhar do transeunte.

Para alentar as nossas phrases, não nos parece desnecessario transcrever os seguintes periodos:

«A idéação dos povos barbaros não differe da idéação puramente animal, senão em que aquelles pela faculdade da palavra podem denominar as suas abstracções simples. Isto é um facto que se póde verificar philologicamente. Grupos selvagens ha que têm nomes diferentes para a cauda do cão, do carneiro e do passaro, mas não têm para exprimir a idéa de cauda em geral. Os Mohicanos têm palavras que correspondem ás diversas maneiras do acto de contar, mas não possuem um verbo para designar as differentes modalidades desse acto; têm palavras para exprimir a idéa de *amo-o*, *amo-vos*, e não possuem o verbo *amar*. Os Choctaws têm nome para as differentes especies de *carvalho*, mas não o têm para o genero.

Os Australianos não têm palavra para arvore, ave, peixe. Os Esquimãos têm verbos para exprimir as pescas da baleia, da phoca, mas não têm verbo para exprimir o acto de pescar.»

E desfechando essas observações, conclue o auctor: «Este facto é de character geral. Nenhuma lingua barbara possue palavras para exprimir as idéas geraes: o que prova que os povos que manejam estas linguas, não possuem estas idéas. Elles têm percepções que representam idêalmente sem a presença dos objectos que as produziram, quer dizer, elles abstraem e chegam até a dar um nome ás suas abstracções. Mas são incapazes de reunir em uma só idéa as abstracções denominadas, isto é, são incapazes de generalisar.»

E'-nos possível crer que as phrases transcriptas robustecem as nossas negativas, relativamente á significação do vocabulo, apresentada pelo erudito articulista.

Desejariamos saber o motivo, admittindo-se mesmo que o indígena possuísse a faculdade de generalisar, indicando numa palavra as «seccas periodicas e as molestias ou febres provenientes do calor, em certos tempos, *naquella região,*» porque appareceria igual denominação no Rio Grande do Norte, atravez de muitissimas leguas de distancia? E, ainda mais, para se dar essa denominação, fôra necessario que os indios conhecessem, por experiencia ou tradição, as seccas e as molestias ou febres, entretanto o rio conhecido hoje por *Ceará*, dilatando-se o nome por todo o actual Estado, era outrora, primitivamente, denominado Pirangy. Ora, é mais plausivel pensar que, abandonando os potyguares as terras do Rio Grande do Norte, mudaram o nome de Pirangy para *Ceará* em lembrança de outro igual na região donde haviam partido, segundo os dados fornecidos por Antonio Bezerra de Menezes.

Dirigindo-se aos elementos componentes do vocabulo, diz o eminente escriptor:

«Parece-me que a decomposição *Ce-a-raá* explica perfeitamente o nome, tanto mais quanto o cearense não

pronuncia *Ciará*, nem *Cemará*, mas *Céará* com o primeiro é bem agudo.»

Julgamos que deveríamos estudar a pronuncia do vocabulo, não como agora se nos apresenta, mas como se nos apresentava outrora, que, por antiga, se achava mais proxima da fonte, provavelmente limpa dos vicios accumulados atravez do tempo.

Diz-nos o excellente trabalho do Dr. Theodoro Sampaio :

«Ao que nos consta, é a obra de frei Vicente o documento historico mais antigo em que vem o nome *Ciará*. Marcgrave e Barlaeus, escriptores holandezes do seculo XVII, escreveram *Ciará*, graphia que quasi todos seguiram até o começo do seculo XIX, como se vê da notabilissima *Corographia Brasilica* do padre Ayres do Casal.»

Accrescentamos que, nessa época, os escriptores procuravam conservar a origem dos vocabulos, depurando-os das decomposições, advindas de longos annos de barbarismo.

A lingua portugueza, á influencia da escola classica, approximava-se da lingua materna e, apresentando-se com exuberante riqueza de fórma, punha á margem a possibilidade da escripta phonetica. Arrastados por esta influencia, os historiadores e os chronistas, desconhecendo a significação das palavras indigenas, davam-lhes certamente a possivel pureza da pronuncia indiana. Assim «a graphia *Ciará* que quasi todos seguiram até o começo do seculo XIX, é, pela tradição historica, a mais authentica,» adeanta o illustre Dr. João Mendes Junior.

Pelos motivos expostos, quer em relação ao significado do vocabulo, quer a seus elementos componentes, pensamos, com o respeito devido ao eminente articulista, faltar-lho ao juizo apresentado a solidez necessaria.

Seriam ainda possiveis algumas considerações, acerca do clima cearense em épocas anormaes, porquanto não estamos absolutamente de accôrdo com as phrases acima transcriptas.

O presente artigo, porém, excedeu á nossa expectativa, restando-nos agradecer aos Drs. João Mendes Junior e Theodoro Sampaio o concurso de suas intelligencias esclarecidíssimas neste util e agradável estudo.

Pensamos, pois, com o illustre engenheiro que «*Ciará*, e não *Ceará*, significa ou designa simplesmente uma casta de papagaio e não—*canto da jandaia*, como poéticamente se entendeu.

Em todo o caso, esperamos ainda da Sociedade de *Ethnographia e Civilisação dos Indios*, sobretudo de sua commissão de philologia, um pouco de luzes.

CUNHA MENDES.

Outubro, 1901.

(O Estado de S. Paulo, 6—10—901.

(AO SNR. CUNHA MENDES)

A interpretação por mim dada ao nome *Ceará* baseou-se na graphia que me pareceu a primeira e a mais antiga do vocabulo, isto é, *Ceará* ou *Siará*, como escreveu o auctor da *Corographia Brasilica*, como escreveu frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brasil*, terminada em 1627 e como escreveram auctores holandeses do seculo XVII.

Não tinha em mão documento mais antigo, nem conhecia inedito algum de data anterior á obra do frade bahiano.

O Snr. barão de Studart, do Ceará, eminente cultor da historia patria e pesquisador emerito, acaba, porém, de communicar-me, por carta de 2 de Setembro passado, que possúe documentos mais antigos do que a obra de frei Vicente, tractando do Ceará, como sejam os trabalhos

do padre Guerreiro e de Diogo de Campos Moreno, tio de Martin Soares e auctor da *Jornada do Maranhão*, obra escripta no mesmo anno da expedição (1614) e começo do seguinte.

Campos Moreno graphou, porém, *Siará* o que é o mesmo que *Ciará* do ponto de vista tupi, pois que nessa lingua não ha S com o som sibilado e sim C levemente chiado como bem se verifica da Arte e Vocabulario de varios auctores respeitaveis.

Entretanto, assevera-me o illustre barão de Studart que nos documentos ineditos que possui de 1608, 1614, 1619, 1621, 1622 e 1629 a graphia prevaescente é *Ceará* e *Seará*, sendo que escreve da primeira fórma (*Ceará*) o documento mais antigo (1608), que existe sobre a historia de sua terra, o qual é nada mais nada menos que a descripção minuciosa da viagem emprehendida por ordem de Fernão Cardim pelos jesuitas Francisco Pinto e Luiz Figueira.

Pela tradição historica, portanto, conclue o Snr. barão de Studart, a graphia *Ciará* não é a mais authentica.

E, visto que a graphia *Ceará* daquelle documento não soffreu alteração o que esse documento é uma copia photographica fornecida pelos jesuitas do Limburgo Holandez por determinação do Geral da ordem em Roma, já não póde haver duvida quanto á primitiva graphia do vocabulo.

Mas, o nome *Ceará*, composto de dois elementos que facilmente se distinguem *Ce-ará*, tem, sob o ponto de vista orthographico, uma difficuldade invencivel que é a voz breve do seu primeiro elemento.

Na verdade, sendo, como é, muda a vogal do *Ce*, mui facilmente se confunde com um *i* brando, confusão tanto mais admissivel quanto é certo e por todos reconhecido, como nol-o attesta o padre Antonio Vieira, que os sons da lingua brasilica mui difficilmente se apprehendiam, ainda mesmo com o ouvido applicado á bocca do barbaro. Desta natural confusão é que resultou desde os primeiros annos esse graphar duvidoso: *Siará* como

se lê na *Jornada do Maranhão* de 1614, *Siará* como se vê de documentos holandezes, e *Ceará*, *Ciará*, *Syará* como em sua *Historia do Brasil* escreven Frei Vicente do Salvador.

Por este simples facto, a graphia verdadeira do vocabulo nem se pode tirar a limpo, nem ficar extreme de toda a duvida. Razão por que, ainda admittindo *Ceará* como a graphia mais antiga, não a consideramos como a mais correctã.

Para nós, *Ceará*, com a primeira syllaba breve como sempre se pronuncia, é equivalente a *Ciará* ou *Siará* e, como tal, é a denominação de uma casta de papagaios. Esta é também a opinião de Martius, de Milliet e de monsenhor Pizarro.

Vem aqui de molde observar o que a respeito da faculdade de generalisação attribuida aos selvagens dizem Cunha Mendes e o barão de Studart.

Certamente que tal faculdade, se acaso o gentio brasileiro a possuiu, não podia ser ella nem vasta nem poderosa.

Os povos do nivel social em que foram encontrados os primeiros incolas desta terra nunca a possuiram senão em gráu muito rudimentar.

E' preciso, porém, não esquecer que grande numero de denominações tupís, da nossa geographia nacional, não procedo do selvagem, mas do seu descendente cruzado e dos proprios conquistadores. Cumpre lembrar que a conquista dos sertões só se pôde levar a effeito no segundo seculo depois da vinda dos europeus e depois que no paiz se formou a sub-raça dos *mamelucos*, mixtiços de indio e de portuguez, gente activa e turbulenta, de nivel intellectual muito mais elevado do que o do gentio e falando correntemente a lingua deste.

As expedições para descobrir sertões mais eram constituídas por mamelucos e indios escravos do que por portuguezes.

Não é, pois, de extranhar que, entre as denominações tupís que se conservaram, muitos vocabulos existam, en-

cerrando idéas de generalisação de que seria incapaz o gentio puro. Em S. Paulo, onde mais se falou o tupi entre as populações do campo, como nol-o refere Vieira, temos, por exemplo, o nome *Botucavarú*, applicado a uma montanha elevada e significando—*cavallo das nuvens* (*ybytú-cabarú*), por pousarem nevoas constantemente sobre ella, que bem mostra, pela idéa expressa e pelo hybridismo do vocabulo, ser de procedencia mameluca e não do indio puro.

Como este não faltam exemplos na geographia brasileira como procurei demonstrar no meu estudo sobre o *tupi na geographia nacional*, cuja primeira edição está prestes a sair. Não se infira dahi, porém, que o nome *Ceará*, de principio applicado a um rio que entre outras de suas propriedades tem a de ser um delicioso *refrigerio*, como nol-o assignalou o barão de Studart, possa significar as seccas periodicas daquella terra e as enfermidades provenientes do calor como, opinou o illustre Dr. João Mendes Junior.

THEODORO SAMPAIO.

S. Paulo, 9 de Outubro de 1901.

(*O Estado de S. Paulo*, 13-10-1901).

LINGUA INDIGENA

Um forte rheumatismo me tem impedido de trabalhar; e, por isso, demorei esta replica que devo ao illustre Snr. Cunha Mendes.

Dois são os seus argumentos contra a traducção que dei do nome *Ceará*:

1.º Os nossos aborigenes são incapazes de abstracção e de generalisação, tanto assim que todas as denominações de logares se referem a objectos expostos ao primeiro olhar do transeunte;

2.º A pronuncia *Ceará*, de hoje, não deve servir de base á traducção, porque a graphia de frei Vicente do Salvador e outros é *Ciará*.

Não me convence o primeiro argumento. Os nossos aborígenes eram e são capazes de todas as operações da mente: a *attenção*, a *abstracção*, a *reflexão*, a *analyse*, a *synthese*, a *comparação* e a *apprehensão comparativa*. Portanto, são capazes de generalisar. Não só os factos, como os escriptores, *que viveram entre os selvagens*, attestam esta affirmativa. O Snr. Cunha Mendes tem contra si as narrações de Hans Staden, as narrações do padre Yvo d'Evreux e de todos os missionarios; tem a seu favor sómente alguns sabios, eivados de materialismo, os quaes escrevem de longe, isto é, nunca viveram entre os gentios. Certamente, o selvagem, isso mesmo naquillo que não se refere á contemplação da natureza virgem, póde ser inferior ao homem civilisado: mas, dahi não se segue que o possamos redusir quasi á pura animalidade, a ponto de não lhe reconhecemos senão a *percepção sensivel*. Quer para o homem civilisado, quer para o homem selvagem, a sensação não percebe nas coisas senão suas qualidades sensiveis, isto é, o singular e o corporeo; mas, tambem, quer para o homem civilisado, quer para o homem selvagem, o intellecto conhece a essencia, despojada de suas qualidades sensiveis, isto é, o immaterial e o *universal*. O padre Ivo d'Evreux, francez, protesta de um modo muito notavel contra a affirmação do Snr. Cunha Mendes: «*Je tiens qu'ils sont beaucoup plus aisés à civiliser que le commun de nos paysans de France,*» diz ellé. No *Diccionario Geographico*, do Dr João Mendes, ha o seguinte trecho: «Muito sabios na formação dos nomes locais, pois que estes deveriam designar os caracteristicos physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente acceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, como bem o expôz o padre Ivo d'Evreux, na sua obra *Viagens ao norte do Brasil*, faziam os indigenas admiravelmente um jogo linguistico, dando até nomes com som identico, ou quasi identico, significando, porém

differentemente, quando tinham de dar nomes a rios, lagoas, montes e outros logares na mesma região»... «Para o indigena americano, o nome da localidade era uma instituição: elle precisava indicar os caracteres permanentes, os perigos, as molestias; e, nesse trabalho, o nosso indigena era muito sabio e tinha um tal poder de synthetisar caracteres, que dava ao seu espirito uma grande superioridade sobre o do europeu » E vá, mesmo agora, o Snr. Cunha Mendes conversar com um qualquer indio: verá que a *craniometria* e outras pretensões de alguns sabios europêus, além de se fundarem em dados *falsissimos*, encontram a resistencia da observação.

Não me convence o segundo argumento. O Snr. Cunha Mendes reconhece que a pronuncia *Ceará*, com o *e* quasi agudo, é a mais usada pelos naturaes; mas, prende-se á graphia de alguns documentos e de alguns escriptores. Sei que ha, em alguns documentos, a graphia *Ciará*, principalmente entre os escriptores hollandezes; sei, porém, que frei Vicente do Salvador, se algumas vezes grapha *Ciará*, outras vezes grapha *Ceará*; sei, finalmente, que, em quasi todos os documentos judiciais prevalece a graphia *Ceará*. Ainda no ultimo numero da *Revista do Instituto do Ceará*, que me foi gentilmente remettida pelo barão de Studart, vejo certidões de titulos de sesmarias, folhas de partilha, justificações, em que o tabellião ou escrivão usa sempre da graphia *Ceará*; e esses documentos são do principio do seculo 18º. Ora, frei Vicente do Salvador escreveu, é vordado, no seculo 17º; mas, como nos ensina o Dr. Theodoro Sampaio, mesmo no seu artigo sobre o nome *Ceará*,--frei Vicente grapha o nome ora *Ciará*, ora *Syara*, ora *Ceará*.

Todas as outras interpretações fundam-se em conjecturas e não expõem o fundamento grammatical da composição do nome: a interpretação adoptada pelo illustre mestre Dr. Theodoro Sampaio, tem, a meu ver, o defeito de dar ás palavras *Oii* e *ará* a mesma denominação. *Oii* é uma especie de papagaios; *ará* é a denominação commum dos papagaios grandes e araras; é de

crêr, diz elle, que ali abundassem papagaios. Não é liquido que *ará* seja a denominação commum dos papagaios grandes; mas, dado que o seja, a verdade é que, em tupi, o modo de formar quer os superlativos, quer as locuções de frequencia ou de abundancia, não é esse de unir a especie ao genero, ou o individuo á especie. Entretanto, a minha interpretação, além de mais natural, além de mais accôrde com os factos, além de mais phonographica, parece-me subordinada á regras grammaticaes.

A meu vêr, o nome *Ceará* assim se explica: *Cé*, servindo de genitivo, para significar o *modo*, isto é, o *modo costumeiro*; e *ará*, significando as molestias da sêcca ou do calor, ou febres. Note-se que a palavra *Cé*, significando o *modo*, muito bem toma o caso genitivo, visto que este caso exprime relação de qualidade, de quantidade, de habito, de situação, assim como do posse ou de posição. Os indigenas, em geral, formavam o genitivo com dois substantivos conjunctos servindo de tal o primeiro; é verdade que, em casos de *excepção*, servia de genitivo mesmo o segundo, principalmente quando queriam exprimir a *forma*, a *materia*, a *medida* e mesmo, algumas vezes, o *modo*; mas, então, accrescentavam ao segundo substantivo a proposição *recé* ou *ri* e mais o verbal *guara*. Ora, na minha interpretação, nem mesmo ha necessidade de recorrer ás excepções: a regra geral da grammatica se applica completamente.

JOÃO MENDES JUNIOR.

(D'O Estado de S. Paulo, 1901).

ESTUDO LINGUISTICO ORNITHOLOGICO

Na interessante discussão sobre a etymologia do nome —Ceará—é para mim de summo interesse a opinião do

illustre Dr. Theodoro Sampaio, que acceitou a de Milliet, do que esse nome é o de uma especie de papagaios.

Dado ha mais de 20 annos ao estudo da ornithologia brasileira, tendo já publicado um estudo sobre as aves de S. Paulo e seus nomes triviaes, e, tendo um outro prompto para a publicação, referente a todas as aves viventes no Brasil, pareceu-me conveniente examinar o que constava pela litteratura a respeito desta supposta especie de papagaios.

Examinando as denominações usadas para as Psittacidas do Brasil, observei que é muito grande o numero de obstaculos que á tarefa se oppõe.

Os naturalistas estrangeiros que, quasi exclusivamente, trataram da nossa ornithologia, não têm, em geral, os necessarios conhecimentos das linguas portugueza e tupy, originando-se desse facto, não raras vezes, graves erros. Se nos dizem que o nome—Arara-canga—significa arara vermelha, incorrem em erro, visto que a palavra—can ga—significa—cabeça,—referindo-se esta denominação ao uso das pennas desta arara para os cocaes ou acantaras, que os tupys usavam como enfeites da cabeça.

Si Burmeister diz que—sabiá-sica—significa—sabiá-verde—não é isto exacto; «cyca» significa—chegar—e sabiá-ciga refere-se a um papagaio que se assemelha ao sabiá, pelo seu modo de assobiar ou cantar. Mesmo consultando-se os dictionarios da lingua indigena, é necessario proceder-se com todo criterio. Assim, o Diccionario Anonymo do Brasil, edição de Platzmann, Leipzig, 1896, acceita entre as palavras tupis a de—Perequito : quando é certo que, tanto esta como a do papagaio foram introduzidas de fóra.

Estas novas denominações ganharam tamanha accitação que, em grande parte, substituiram as denominações antigas.

Esta substituição, entretanto, não se deu igualmente em todas as partes do Brasil, de maneira que a mesma ave, muitas vezes, é conhecida por differentes nomes nos diversos Estados.

O «*Conurus leucophthalmus* Müll», por exemplo, é conhecido no Estado de S. Paulo sob o nome de —araguahy— e no da Bahia pelo de —hendaya— ou —maracanan.

O «*Conurus aureus* Gm.», é denominado em S. Paulo e na Bahia jendaya, sendo o periquito-rei de outras zonas, tendo no Rio Grande do Sul o nome de —cattora— e no Amazonas o de —tiriba.

Além destas contradicções, existem outras em conexão com a distribuição geographica, que o etymologo deve conhecer perfeitamente, afim de não aproveitar-se da denominação de especies que no respectivo Estado não occorrem. Assim, por exemplo, o —sabiá-ciga— occorre desde o Brasil Meridional até o Rio de Janeiro, e o acanan, do genero *Derotypus*, sómente no Amazonas.

Si ha certo numero de denominações de papagaios usadas por todo o Brasil, ha outras que são usadas sómente em o Norte e no litoral correspondente aos tups, havendo ainda outras que são restringidas ao Paraguay, e á parte visinha do Brasil, correspondentes ao grupo Guarany.

Deste modo, pois, o arara-canã do tupy é o arara-úna, o canindé do Guarany. Os nomes anaã e outros, são conhecidos só no Amazonas e os de Cuyuyú, cū e cattora unicamente no Brasil Meridional e no Paraguay.

Mais ou menos, são usadas por todo o Brasil as denominações seguintes:

<i>Maracanan.</i>	(genero <i>Conurus</i>),
<i>tiriba</i> . . .	(» <i>Pyrrhura</i>),
<i>tui</i>	(» <i>Psittacula</i>),
<i>ajurú</i> . . .	(» Amazonas) e
<i>maitaca</i> . .	(» <i>Pionus</i>).

Quanto ao genero *Pionopsittacus*, o nome trivial desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro é —Cuyuyú—, sendo Maitaca na Bahia e Cattorita em certas partes do Rio Grande do Sul.

Procurando informações sobre o nome da supposta especie Ciará—, não os encontrei em nenhuma das listas de nomes vulgares dos animaes do Brasil, que successivamente foram publicadas por Marcgrave, Martius, padre Fernão Cardim, Luccock, von Ihering e Goeldi. E' verdade que Martius, na lista dos nomes geographicos, menciona a hypothese de Milliet, mas, entretanto, não acceita, na lista dos nomes, o nome —Ciará—e tão pouco o faz Spix, na parte zoologica da respectiva obra, não obstante terem estes naturalistas estudado as aves dos Estados do Rio, da Bahia, do Piahy, do Maranhão e de outros.

Não posso consultar a obra de Milliet.

Montoya menciona a palavra —cũ— como referindo-se a uma especie de papagaios, dando, no vol. 2.º, pag. 124, na edição de Platzmann, em uma enumeração de papagaios o nome—cuyucuyu cũ. Parece-me, por esta razão, que—cũ—é synonymo de cuyu-cuyu do genero *Pionopsittacus*.

Pertencendo a palavra —cũ—, que provavelmente é de significação onomatopaica, aos grupos dos nomes guaranys, não poderá ser applicada como explicação de especies existentes no Ceará.

Parece-me que tambem está em contradição com as regras geralmente adoptadas para a formação das palavras tupys, a combinação do nome de um papagaio com a palavra ara, que, neste caso, deve significar ave.

Si, effectivamente, existe no Estado do Ceará uma especie de papagaios conhecidos pelo mesmo nome e que, por ventura, escapara a todos os naturalistas, que desde o tempo de Marcgrave estudaram a fauna do norte do Brasil, não posso admittir que a mesma seja egualmente desconhecida aos habitantes daquelle Estado, entre os quaes se encontram homens de grande saber, como os Snrs. barão de Studart e Antonio Bezerra de Menezes.

E' assumpto de grande interesse a etymologia das denominações dos papagaios.

Os verdadeiros papagaios têm o nome de *ajurú* ou *jurú*, que significa bocca. denominação bem apropriada para os papagaios faladores.

O nome *cuyucuyu*, caso não seja onomatopaico, parece dizer — lingua amarella.—

Já tratei do sabiá-cica e acho exquisita a denominação do maracanan, composto de maracá e anã (parente), sendo assim comparado o papagaio barulhento ao instrumento musical mais ruidoso.

A maior parte das outras denominações do papagaios não sei por enquanto explicar, esperando que os especialistas competentes tratem de esclarecer o assumpto e assim o meu illustre amigo Dr. Theodoro Sampaio, a quem já sou obrigado por muitas informações valiosas.

Barbosa Rodrigues é de opinião que o nome arara é onomatopaico, mas o principe Wied affirma que observou muitas araras nas mattas da Bahia e que a sua voz não se assemelha com a da ara e nem com a da arara.

Para os papagaios verdadeiros em todas as partes do Brasil era applicada tambem a palavra «paraguá», devendo o Rio Paraguay o seu nome a estes papagaios e desconfio que o nome araraguay, usado no Estado de S. Paulo, representa apenas uma corrupção de paraguay, que significa, neste caso, papagaio menor.

Questão ligada a este estudo é tambem a explicação do nome «suindára», denominação de coruja, que, provavelmente, significa dono ou comedor de tuindo, sendo notavel que Marcgrave escreva o nome tuidára.

A etymologia e a explicação exacta dos nomes tupys é tão necessaria como a dos nomes geographicos e offerece grande interesse pela sua relação com as observações biologicas dos indigenas, que, muitas vezes, revelam factos desconhecidos até agora á sciencia.

São Paulo, 21- -10—1901.

H. VON IHERING.

(Do *Correio Paulistano*).
